

## A História por Trás da História

As “leituras” que fazemos da vida são diferentes para as diversas situações existenciais em que nos encontramos. Isso não quer dizer que a realidade mude de acordo com a nossa percepção. O mundo não muda, mas o significado que lhe atribuímos sim.

Assim, não há motivos pra se estranhar que nossa percepção da Bíblia possa variar; embora a Palavra de Deus não mude, sua interpretação pode variar em algum grau – de pessoa para pessoa, de época para época – sem que, necessariamente, alguém esteja sendo incorreto ou negligente em sua análise.

A Bíblia é um conjunto de livros sagrados, que revela o Deus vivo e verdadeiro, o Deus que criou o céu, a terra e tudo o que neles há. As Escrituras não parecem querer provar a existência de Deus, mas *revelar-nos* sua personalidade e suas propostas de relacionamento com suas criaturas. O homem, como ser finito, não pode compreender os caminhos de um Deus infinito. Ninguém pode conhecer a Deus se Ele não se revelar. Revelação é uma palavra chave para a teologia. *Revelar é o ato de tornar visível e perceptível algo que estava oculto, velado; é tirar o véu.* Nesse sentido, a revelação máxima de Deus é a pessoa de Jesus Cristo (Hb 1; I Jo. 1:1-4). Ou seja, a revelação divina tem haver com salvação/redenção.

Há questões que a Bíblia silencia, cujas respostas só poderemos obter na eternidade. No entanto no processo de revelação contido na Bíblia, há alguns textos que são especiais; são como “janelas dimensionais” porque nos fornecem informações não-convencionais no argumento bíblico. Apresentam-se como destinados não a revelar fatos, mas a explicar realidades já reveladas; usam meta-linguagem para falar de uma *meta-realidade*. São textos que não tratam diretamente da história da salvação, mas constituem-se em um relato que explica essa história. Trata-se de uma *meta-história*, portanto.

Tomás de Aquino observou que a linguagem bíblica deve ser analógica e não unívoca nem equívoca. Isto significa que sempre há uma correspondência entre aquilo que entendemos por meio da palavra bíblica e aquilo a que ela se refere no âmbito celestial. Não se trata de uma correspondência equívoca nem exata, mas é próxima o suficiente para fornecer uma informação real.

### O Apocalipse – Nossa primeira janela de revelação

Livro de revelação por excelência, Apocalipse apresenta um relato que vai se desenvolvendo em uma ordem, caminhando numa determinada direção, que leva a um clímax – aqui estaria nossa janela dimensional.

A revelação das últimas coisas começa com as cartas às igrejas, que desembocam na visão do trono de Deus no final do capítulo 11, sendo que a partir do versículo 19, acontece uma espécie de mudança temática no relato. A seqüência do assunto é interrompida – como que num corte de cena – para mostrar algo que está acontecendo simultaneamente. A perícopé está compreendida em Ap.11:19-12:17.

Acredito que esse texto tem uma mensagem que só pode ser integralmente compreendida a partir de um conceito correto de eternidade.

Temos a tendência de tentar organizar nosso mundo e nossas coisas em termos de *tempo*, *espaço* e *matéria*. Por estarmos confinados a uma natureza compostas desses ingredientes/dimensões, naturalmente precisamos de cronologia (isto primeiro, aquilo depois) para organizar nosso pensamento. Para nós, portanto, “aqui” e “lá” não podem ser entendidos como o mesmo lugar, afinal dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Assim, quando um texto nos fala de uma realidade que foge a esses nossos condicionamentos, ficamos confusos. Na verdade, o que precisamos para compreender esse texto de Apocalipse é abstrair *tempo*, *espaço* e *matéria*. Um exercício que hoje pode ser facilitado com o advento da Teoria da Relatividade e sua popularização no cinema em filmes tais como a trilogia *De Volta para o Futuro*, *O Exterminador do Futuro*, *Em Algum lugar no Passado* ou *As Crônicas de Nárnia*.

O primeiro elemento que surge na cena de corte (v.19) é a arca da aliança no santuário celestial. A arca no templo simboliza a presença inequívoca de Deus. Os versos 1-6 do capítulo 12 abre uma nova cena cheia de movimento: João vê uma mulher vestida de sol, sofrendo as dores de parto, gemendo e gritando, aflita diante da ameaça de um grande e terrível dragão vermelho, cheio de cabeças, chifres e uma grande cauda, que a espreita para devorar-lhe o filho, que ao nascer é milagrosamente arrebatado para Deus.

Quem são esses personagens? Um bom comentário bíblico dirá que o dragão é Satanás (v.9); a mulher, o povo de Deus; as “estrelas do céu”, anjos; e o filho, Jesus Cristo (v. 5). Mas, buscando uma compreensão do sentido mais amplo, temos: (1) a cena se desenrola no céu numa outra dimensão da criação de Deus (11:19; 12:1,3,4), sendo que os versos 5 e 6, no entanto, referem-se às realidades tipicamente terrestres, conhecidas na história da humanidade; (2) há uma ligação daquelas cenas no céu com a nossa realidade na Terra (12:4); um ponto de contato; na Terra o dragão se posta defronte à mulher prestes a dar luz; cena que indica que o seu filho nascerá aqui; há portando uma sutil mudança “geográfica”; (3) parece que a grande dificuldade de compreensão desse texto está na necessidade natural de colocar as coisas na tridimensão da natureza em que vivemos (tempo, espaço e matéria). Também parece que esse impulso não nos ajuda no entendimento, pois os acontecimentos não se limitam à história e ao espaço, mas os extrapolam.

O que temos aqui é a revelação de um conflito cósmico (para além do espaço, da matéria e do tempo) que apresenta uma fuga do Filho e também da mulher, que traz uma fúria por parte do dragão contra a sua descendência. Um conflito cuja origem e conteúdo não são aqui relatados. Entretanto podemos inferir que no escape do Filho está toda a história da cruz que conhecemos. Como ele escapa? Triunfando na cruz.

O fato é que a ordem seqüencial, aqui, atrapalha, ainda que não consigamos nos desvencilhar dela todo o tempo. O texto nos abre o véu de que aqui na Terra se desenrola o epicentro desse combate cósmico. Nesse momento, pode-se dizer que a meta-história e a história da humanidade são uma só: a nossa história. Uma história de pagamento de um resgate. O próprio Jesus insistia dizer de si mesmo: que era filho de Deus, enviado como pagamento de um resgate.

O cenário de guerra é ainda demonstrado nos versos seguintes: o arcanjo Miguel e seus anjos derrotam o dragão e seus seguidores (v. 7,8). Por isso, o dragão (que passa a ser identificado de “antiga serpente”, “diabo” e “Satanás”) é lançado na Terra.

Uma pergunta necessária deve vir: *Quando* se deu essa guerra no céu? Antes ou depois da Criação? Trata-se de uma pergunta chave, pois, se esse conflito se deu antes do Éden, por que Deus criou Adão e Eva justamente onde o dragão havia sido lançado? Se, por outro lado, deu-se depois disso, como explicar a serpente tentando Adão? Muitos estudiosos acreditam que Satanás, após ser expulso do céu, tornou a terra vazia e caótica, destruindo desse modo a criação pré-adâmica. Então Deus restaurou o planeta, preparando-o para o homem que conhecemos. Outros acreditam que Satanás não pisou a terra antes de Gênesis 3, quando o pecado entrou no mundo. Qualquer que seja a resposta, uma conclusão parece inevitável: *Deus criou Adão ao alcance do grande dragão.*

Cabe ainda ressaltar um relato importante. Os versos 10 a 12 nos dizem a vitória sobre o exército do dragão foi resultado de duas fontes de poder: (1) o sangue do Cordeiro e (2) o testemunho que “nossos irmãos” deram – à custa de martírio. Aqui podemos inferir que seja a igreja, o restante da descendência da mulher, aqueles que mantêm o testemunho de Jesus (v.17).

Mas pode-se argumentar: essa perseguição do verso 17 se dá quando (depois que) o dragão se vê atirado para a terra, conforme o verso 13. Como pode, então, estar influenciando naquela batalha que ocorre antes (e é causa) de o dragão ser precipitado na terra? Afinal, esse testemunho é causa ou conseqüência? Satanás é atirado *por causa* do testemunho ou o testemunho se dá na luta terrena contra ele, *depois* que perdeu a luta contra Miguel?

Percebe-se que a nossa necessidade de cronologia torna o texto ilegível e incompreensível. O remanescente dá testemunho (do sacrifício) de Jesus, que nasceu daquela mulher na nossa história terrena, cronologicamente, portanto, milhares de anos depois do episódio da serpente no Éden. Não é ele, no entanto, ao mesmo tempo, o Filho que o dragão não conseguiu devorar?

Precisamos abstrair a cronologia e pensarmos que isso tudo se dá na eternidade. E que eternidade não é apenas um tempo muito longo, mas todo o tempo, ao mesmo tempo. Ou, ainda, a eternidade está fora do tempo.

### **Imaginando um conceito de eternidade**

Imagine que você tenha um livro aberto em suas mãos. Imagine você retirando a sua mão e ele pairando no ar à sua frente, imóvel, sem cair. Imagine ainda uma névoa em toda a cena pairando e encobrindo todo o livro. Pois bem, o livro será a história – um segmento com contornos, começo e fim, solto no espaço da eternidade. À esquerda seria o início do tempo e a parte direita, o fim do tempo. Você pode, de onde está, com um único olhar, contemplar o início e o fim da história. A névoa seria metaforicamente, Deus, que está na eternidade e envolve todo o livro – as abas esquerda e direita ao mesmo tempo. Ou seja, Ele está

presente “no princípio”, criando todas as coisas e, ao mesmo tempo, “no fim” consumando tudo.

Essa compreensão da eternidade como o espaço que envolve o livro (a existência) nos permite um salto qualitativo na compreensão do relato bíblico. Torna-se possível visualizar Deus em todos os momentos da história dos homens, *ao mesmo tempo*. Veja como fica interessante uma aplicação: Deus estava presente no meu nascimento e, ao mesmo tempo, *estava* na minha morte, ainda no futuro do ponto de vista do momento histórico em que lemos esta afirmativa.

Aprofundando um pouco a metáfora do livro pairando no vazio e cercado pela “névoa de Deus” reflitamos no texto de Romanos 8:29-30:

*Portanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.*

Percebe que todos os verbos estão no pretérito? Mas cabe uma pergunta: o verbo *glorificar* se aplica a nós hoje? Claro que não, pois sabemos que a glorificação é etapa final de nossa santificação e que acontece com a nossa morte. A santificação é a glorificação iniciada, e a glorificação é a santificação completada (F.F. Bruce). Ora, enquanto não morrermos não podemos nos considerar glorificados. Então, por que o verbo não está no futuro?

Deus não apenas determinou que coisas acontecessem no futuro, de forma mecânica e inexorável, mas *estava* nesse futuro, acompanhando seu desenrolar. Deus me predestinou, antes da fundação do mundo, com base nas respostas que dei ao seu Espírito durante toda a minha vida, incluindo os anos que para mim ainda são futuros. E estava presente no dia da minha morte. A soberania de Deus não me transforma em marionete, pois entre os critérios que ele utilizou para me predestinar, estão minhas respostas aos seus apelos. Desaparece, assim, a contraposição entre soberania divina e livre-arbítrio. Os dois conceitos são harmônicos quando compreendemos corretamente o conceito de eternidade.

## **O Exterminador do Futuro**

Há um filme que pode nos ajudar a entender essa tentativa de Satanás de vencer Jesus, matando Adão. Trata-se de O Exterminador do Futuro.

O enredo do filme é o seguinte: no ano de 2025 o mundo é dominado pelas máquinas, que tendo adquirido consciência própria, tentam eliminar toda resistência dos humanos. Mas surge um homem que lidera a resistência e reorganiza as forças dos humanos. Pelas dificuldades de matá-lo, as máquinas decidem eliminar esse homem por meio de uma máquina do tempo mandando um poderoso *cyborg* para o ano de 1984, ano em que aquele herói nasceria, com a missão de matar a sua mãe; morta a jovem mãe, o homem não nasceria e a resistência no futuro seria facilmente vencida.

Sabedores do plano das máquinas, os humanos mandam pela máquina do tempo, um soldado com a missão de destruir o exterminador ou proteger, a todo o custo, a mulher. Na luta para salvar a mãe do herói do futuro, o soldado protetor acaba por se envolver com ela e, quando morre em ação, deixa-a grávida de uma criança, que é o próprio homem que as máquinas pretendiam evitar que nascesse. O soldado que veio proteger a mãe da criança acaba sendo o pai da criança, ou seja, o pai de seu líder no ano 2025.

Voltando ao texto...

Conforme o texto Satanás é vencido por causa: (a) do sangue do Cordeiro e (b) do testemunho que a igreja dá desse sangue. Ao ser vencido, ele é lançado na terra, onde vai procurar o “pai” de Jesus, Adão, e corrompê-lo, talvez na esperança de que Jesus não chegue a nascer, o que lhe garantirá a vitória. Falha. Então, tenta destruir o próprio Jesus, e não consegue. Ao contrário, ao matá-lo na cruz, provavelmente contando que ele seria maldito de Deus, como estava escrito, acaba por perder seu último trunfo. Desesperado, agora luta para evitar que esse novo Adão se reproduza e forme uma nova sociedade, dessa vez gerada de uma semente incorruptível. Assim, luta para acabar com qualquer memória de sua passagem pela terra, eliminando o testemunho que se possa dar dele.

Falha de novo? Bem, para essa pergunta a resposta não é fácil, porque estamos justamente vivendo esse momento. A esse respeito, vale a pena chamar a atenção para o clima de “já ganhou”, que muitas vezes invade nossas igrejas e que me parece inapropriado para uma situação concreta de guerra. O testemunho que aplica o poder emanado da vitória do Cordeiro ao braço de Miguel é dado também por mim e por você. Isso quer dizer que nós somos participantes diretos desse grande conflito cósmico, assim como o foram Moisés, Abraão, Paulo e Lutero. O verso 11 diz que esse testemunho foi dado à custa de martírio; havia a consciência de que algo muito grande estava em jogo. Não seria por isso que Cristo nos ensinou que, neste contexto, *“quem quiser salva a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa, acha-la-á”* (Mt 16:25)?

Algumas conclusões

Modernamente, temos a tendência de pensar em nossos compromissos com Deus a partir de uma ótica privada, íntima e independente. Não estamos acostumados a pensar que um pecado possa ter implicações maiores do que afetar nossas relações com Deus. Mas esse texto nos abre uma nova perspectiva: fazemos parte de um conflito maior. E isso quer dizer que, queiramos ou não, nossas atitudes têm reflexos mais abrangentes que o restrito círculo dos efeitos imediatos. Somos protagonistas de uma história cósmica.

Parece que na maioria das vezes não nos damos conta de que o nosso testemunho vai muito além do que o mundo pode ver; e testemunho aqui, não se trata de apenas do que dizemos de bonito a respeito de Jesus, mas da eficácia do seu sangue para tornar-nos irrepreensíveis.

### **A história de Jó – A Segunda Janela de revelação**

O primeiro capítulo do livro de Jó é um sumário da história. A primeira coisa que salta à vista é que o livro de Jó começa com uma cena insólita: o diabo se apresenta em uma

reunião para a qual não foi chamado propondo a Deus testar a lealdade de Jó por meios de provações terríveis. Pense bem: você aceitaria um desafio como este envolvendo o seu filho? E justamente um filho de quem você tem um orgulho especial, pelo fato de lhe ser fiel e obediente em tudo? Ainda mais considerando que o diabo nada tinha a perder, e Deus, sim.

*“Mas Deus sabia que Jó suportaria e venceria”* diria você. Tudo bem. Porém mesmo sabendo que seu filho venceria, por que sacrificá-lo desse jeito? Para ganhar do diabo? Ganhar o quê? Esse texto nos parece inaceitável pela falta de contexto. Ele se dá na seqüência de alguns fatos que nos interessam, para compreendermos seu verdadeiro significado. Gostaria de sugerir sua compreensão com base no que já vimos discutindo até aqui sobre meta-história. A revelação parece está em sintonia com o verso 11 de Apocalipse 12: *Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida.*

O que estava acontecendo quando o Senhor disse: “viste o meu servo Jó?” Ele não sofreu à toa, ou para satisfazer a um capricho do Senhor, que queria provar algo a Satanás. Ao contrário, sua história é uma janela dimensional, que nos permite vislumbrar o que está em jogo no momento de seu sofrimento. Além do desafio cósmico relatado em Apocalipse, está em jogo uma questão de justiça divina, o destino de um terço das hostes celestiais. Estamos diante de uma revelação, em seu sentido mais genuíno e teológico. Se Jó blasfemasse diante da dor, Satanás veria confirmado seu argumento: “o que fiz foi natural; qualquer criatura faria o mesmo. Por isso, não tenho culpa”.

Há uma dificuldade de localizar o personagem Jó na história. Uns dizem que ele é alegórico; outros, que é profético; outros, ainda, que é uma “figura-tipo” de Cristo. Mas gostaria de chamar a atenção para o fato de que Deus pode estar dizendo a Satanás a mesma coisa de cada um de nós.

Conforme Efésios 3: 10,11 parece indicar que Deus que mostrar sua sabedoria a principados e potestades, e para isso, usará a sua igreja. Tudo gira em torno do testemunho. Por isso a exortação de Paulo à igreja em Ef 4:1 para que andemos de modo digno, coerente, com a vocação a que fomos chamados – a vocação de “testemunhas do Cordeiro”.

Essa luta, que custou ao Altíssimo o sacrifício de seu Filho – o segundo Adão (Rm 5:12-21; I Co 15:43-49), entregue em resgate de muitos. Mas a vitória do Senhor não termina aí: quando o homem, em seu estado de desgraça, é atingido pelo amor de Deus, e de sua posição de pecado e rebelião alça os olhos para o céu em gesto de adoração, e se volta ao seu Senhor em arrependimento e fé, torna-se capaz de um louvor inacessível aos próprios anjos: o louvor de quem conheceu o mal.

Tipo de adoração que não é praticado entre os anjos. Os que caíram não são capazes de arrependimento; os que permaneceram fiéis, não tendo provado o mal, adoram na inocência. Aprouve a Deus extrair de suas criaturas mais indignas, nós, os homens, o louvor da maturidade: o louvor de quem tendo provado dos manjares do inimigo, volta-se e se oferece novamente ao Altíssimo.

Não foi assim que aconteceu com Jó? O contexto nos deixa compreender claramente a intenção de Satanás: espera que da boca daquele homem aniquilado brote um jorro de amargura, revolta e indignação. E que ele levante os olhos para o céu e...blasfeme! Entretanto, o que se ouve da boca daquele homem ferido é o mais belo hino que a alma humana possa entoar: “Bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1: 20-21).

Nesse sentido, Jó é uma figura; independentemente de ter existido historicamente ou não, ele simboliza toda a humanidade; simboliza você e eu. Jó é o palco de um conflito, do grande conflito cósmico, e sua atitude diante da dor atribui força a Miguel.

### **Considerações finais**

#### A Peneira de Satanás

A Bíblia tem um texto que tem muito paralelo com a história de Jó: Lucas 22:31-32 – *“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos”*.

Em algum momento, Satanás reclama filhos de Deus para peneirar. Não foi exatamente isso que aconteceu? Satanás não pediu permissão para, de certa forma, peneirar Jó? Da mesma forma como aconteceu com Pedro. Por que motivo, então, deveríamos pensar que esse fenômeno se restrinja a esses dois casos? Por que não imaginar que essa prática seja normal, que se estenda a todos os “jós” da história? Parece-nos correto entender que Satanás, por motivos que muitas vezes nos escapam, mas que têm relação com nossa participação no conflito cósmico nos reclama para peneirar, como o fez com Pedro, Jó, Abraão, Moisés e tantos outros.

Também não se pode deixar de perceber é que: *quem dá permissão é o próprio Deus*. Se somos peneirados, é porque Deus permite; sem sua permissão, não seríamos jamais. Satanás não está à solta, fazendo o que quer com os filhos de seu inimigo. Mas uma coisa deve ficar clara: há momentos em que Deus permite. E se Deus permite, por motivos que a ele – e a ele somente – pertencem, o sofrimento humano jamais pode ser encarado, em qualquer caso, como ausência de Deus, ou castigo, ou abandono, ou punição, ou maldição, ao contrário da felicidade e da saúde, associadas acriticamente à benção e aprovação de Deus.

Se fôssemos pensar na dor como sinônimo de ausência de Deus, como explicaríamos o sofrimento dos heróis da fé e do próprio Cristo – este “ferido de Deus”, na linguagem de Isaías?

A figura de Jó é um símbolo de todos nós, no sentido de que a guerra espiritual que se desencadeia entre Miguel e o dragão acaba por nos atingir, como testemunhas do Cordeiro. E essa guerra não se trava em algum lugar especial no futuro, mas certamente em nosso íntimo, em nossas vidas.

Assim, pensar eternidade tem haver mais com o presente do que com um futuro; pensarmos a relação que tem o nosso dia-a-dia com a eternidade.

*“O mais importante do que estamos trabalhando é que temos um sumo sacerdote o qual se assentou à direita do trono da Majestade nos céus e serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu... Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos benefícios agora presentes, Ele adentrou o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito pelo homem...mas pelo seu próprio sangue, Ele adentrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção...(de acordo com o seu bom propósito que Ele Deus estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos)...que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!...Porque, por meio de um único sacrifício, Ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados”*

Hebreus 8, 9, 10; Ef. 1: 9,10

*“Até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.” - Ef. 4:13*

*“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” – Ap. 21:1-4*